

O SERTANEJO É, ANTES DE
TUDO, UM FORTE.
Euclides da Cunha

O SERTÃO

COLABORADORES:

Diversos

QUINZENÁRIO APOLÍTICO

(Órgão do "Grêmio Literário Pe. Carlos de Moraes")

DIRETOR — Castelar de Lima

REDATOR — Alberto de Moura

GERENTE — Nilson Al...

ANO I

Ceará — Baixio, 15 de Abril de 1949

N.º 8

A MORTE DE UM DEUS

Pe. Vicente Feitosa

A morte de Jesús Cristo foi a mais ignominiosa que a história registra.

Se aviltante foi a morte espiritual do homem pelo pecado, mais aviltante ainda foi a morte daquele que nos restituiu a vida da graça. Se onde abundou o pecado superabundou a graça, também a humilhação da morte do Filho de Deus em consequência do pecado atingiu o supersumo da humilhação.

Só mesmo os Santos podem entender a razão por que Jesús Cristo quiz descer tão baixo, só por amor a quem o traiu. Para os judeus foi simplesmente um escândalo e para os gentios uma loucura. Assim afirma o próprio S. Paulo.

O próprio Cícero, orador pagão, informa que o suplício da Cruz era então o mais infamante; era reservado para os maiores crimes. Pois foi este suplício o que Nosso Senhor escolheu para si. E' que Ele queria que a sua Redenção fosse completa; queria guerrear o pecado até nas menores circunstâncias que acompanharam sua entrada no mundo. Junto de uma árvore foi cometido o primeiro pecado; foi na árvore da Cruz que se operou a Redenção de todo o pecado, para que, diz a Santa Igreja, donde veio a morte, daí nascesse a vida.

Ha até uma piedosa tradição que diz ter sido a Cruz de Jesús Cristo fincada no local da sepultura de Adão, como para mostrar à humanidade que da abjeção do pecado procede a humilhação de um Deus, mas que desta humilhação nascerá a árvore bendita da Redenção.

Mas não é apenas a Cruz que torna ignominiosa a morte de Cristo. Para que maior humilhação do que o Creador ser julgado,

sentenciado e condenado à morte por suas próprias criaturas? A inocência mesma tripudiada, escarnecida, motejada, troçada, coberta de escarros, por soldados imundos, por judeus hipócritas, por governantes inescrupulosos, por homens sem moral?

E o pior é que esta história das ignomínias de um Deus não parou no Gólgota. Este ódio dos maus contra Deus vem acompanhando a vida da Igreja. Nunca deixou de haver prepotentes e espírito soberbos a levantar o gládio da perseguição e da morte a Cristo na pessoa dos inocentes e dos seus fiéis servidores. Cada século que se escúa é para a Igreja uma noite no Getisêmani, seguida de outra de flagelação, com um longo caminho da Cruz ultimado por um Calvário de grandes dores. Foram os imperadores romanos, foram os horrores da reforma luterana, são as perseguições comunistas, a perpetuar através da história; foi a insânia de um Herodes a cobardia de um Pilatos e a morte de um Justo que pela humanidade só fez o bem. Porque Jesús Cristo tirou o homem do marasmo moral em que jazia, porque o soergueu da sargeta da sua decomposição espiritual, porque o elevou e dignificou, — o homem o mata, o persegue na pessoa de quantos derramam o seu sangue e sacrificam suas forças em defesa da Fé e dos princípios do Evangelho.

Se o cristão é outro Cristo, claro que para o ser perfeito tem que amar também a paixão de Cristo completando-a em si mesmo, já pelo odio ao pecado, já amando o sofrimento, a abjeção, a humilhação, tudo em fim que avilta. O cristão tem direito à luz da Glória, mas para lá chegar tem também que seguir o caminho áspero da Cruz que nos salvou pela morte de um Deus.

Estudos de Português

ALBERTO DE MOURA

“Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino.

— Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”.

(LUCAS: XXIII, 42. 43).

Esta passagem do Evangelho, cotejada com aqueloutra que conta haver Jesus, já redivo, dito a Maria Madalena: “Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai” (João: XX, 17), tem deixado muitos leitores confusos, e até dizendo heresias.

Acham uns que S. Lucas errou quando escreveu o segundo verseto daquele passo. Que o que Cristo disse, foi: “Hoje te digo que estarás comigo no paraíso”. Que, portanto, *hoje* deve modificar *digo* e não *estarás*. Outros dizem que o Messias não cumpriu a promessa de salvar o ladrão: pois dissera, antes de morrer, que ambos estariam, naquele dia, no Paraíso, e três dias depois afirmou a Madalena “que ainda não tinha subido ao Pai”.

Estes trechos evangélicos somente têm sido examinados e discutidos dentro das Sagradas Escrituras. Analisemos, agora, à luz da gramática, mas sem nos afastarmos da exegese bíblica.

Inicialmente, achamos que não há razão para dizerem que Cristo não cumpriu a promessa de salvar o malfetor. Antes de tudo devemos atentar bem nos verbos (*entrar* e *estarás*) que gritamos ali.

Com o primeiro o ladrão, que supunha fosse o reino de Cristo apenas o empíreo, pediu-lhe que se lembrasse do seu companheiro de crucificação, quando lá *entrasse*. Com o segundo o Divino Mestre, que sabia ser o Paraíso, não somente o “assento etéreo”, mas também Ele próprio — que é a suma Felicidade e o sumo Bem. — respondeu que o salteador, então arrependido, *estaria* gozando daquela Ventura suprema, logo fosse consumada a obra de Redenção de toda a Humanidade.

Tendo aqueles verbos significações diferentes, com *entrar* pediu apenas o ladrão

que Cristo o *introduzisse* na Corte Celeste; com *estar* o Salvador concedeu-lhe *assistir*, não somente no Paraíso, senão ainda nEle próprio. Em pedindo o malfetor *entrada* num reino, deu-lhe o Messias *estada* em dois. E se o ladrão com o verbo *entrar* só pôde pedir um reino, e o Redentor com o verbo *estar* concedeu-lhe dois, vê-se bem claro que a “promessa” de Cristo foi cumprida duplamente.. Eis como até da gramática se serviu o Divino Mestre para fazer milagres!

Que o Paraíso é o próprio Cristo, ninguém o contesta. Quem *está com Cristo*, *está também no Paraíso*. O padre Antonio Vieira, ha mais de trezentos anos, “com todas as austerzas do pregador” dizia, da tribuna sagrada: “*Estar com Cristo* em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é *estar no Paraíso*”.

E por que empregou o nosso imortal sermonista o verbo *estar* nesta sua tão enfática quão eloquente frase? E porque ele, então pregando sobre este mesmo passo do Evangelho, não quiz adulterar a palavra de Cristo, pois sabia que nenhum outro termo (à exceção do verbo *ser*) tem tanta afinidade com Deus como o verbo *estar*. Entre *ser* e *estar*, principalmente tratando-se das coisas divinas, existe muita semelhança. Deus, quando Moisés, no Sinai, lhe perguntou quem *era*, assim se definiu: “EU *sou* o que *sou*”. Igualmente, se Moisés lhe perguntasse onde *estava*, responderia: “EU *estou* onde *estou*”. E Deus, por *ser* imenso, *está* em toda parte. Deus-Verbo e Cristo-Verbo, por isto — *são* e *estão*. Eis por que disse S. João Evangelista: “O VERBO *estava* com DEUS e o VERBO *era* DEUS”.

Os verbos *ser* e *estar*, como vimos, têm entre si grande semelhança de sentido. Te-

mos sob os olhos, neste momento, o Evangelho de S. Lucas em cinco traduções diferentes: — dos padres Antonio Pereira de Figueiredo, João Ferreira de Almeida, Matos Soares, Huberto Rohden e da “Sociedade Bíblica Britânica e Extrangeira”. No verseto que aqui comentamos, quatro destes tradutores empregaram o verbo *estar*. O padre Figueiredo, porém, como era clássico e profundo conhecedor dos segredos da língua para a qual o vertia, achou que o verbo *ser* traduziria o sentido do versículo em apreço com a mesma propriedade que o verbo *estar*. Por isso escreveu: “Em verdade te digo, que hoje *serás* comigo no Paraíso”. Portanto, *estar* no Paraíso e *ser* no Paraíso é a mesma coisa, porque é *ser* com Cristo e *estar* com Cristo. E tudo é a Bem-aventurança.

Conforme vimos no padre Antonio Pereira de Figueiredo, esta opção do verbo *ser* por *estar* é muito comum nos clássicos e mestres do nosso idioma de todos os tempos.

Quanto à colocação do advérbio *hoje*, da frase de Cristo, devemos observar o seguinte: Sendo Deus imenso e infinito no espaço e no tempo a todo o tempo e em todo o espaço Ele *está*. Logo, se ao ladrão foi permitido *estar com Cristo* (que é Deus), naquele mesmo dia também *estaria no Paraíso*. No momento em que o salteador, reconhecendo a

(Continúa na 5ª pagina)

UZINA BRASIL

— das —

Indústrias Reunidas do Nordeste,

S/A.

Industriais e Expo.tadores

Baixio — Ceará

SONETO

José Albano

Senhor, assim pregado ao duro lenho,
 Não negas a ninguém o teu socorro;
 A mim, pois, que de mágua vivo e morro,
 Dá-me o brando sossego que não tenho.

Em te amar sempre ponho todo o empenho,
 Vendo do puro sangue o frio jorro.
 E com suspiros aos teus braços corro
 E ao pé da santa cruz deitar-me venho.

Olha como foi triste o meu destino,
 Sem esperanças quase e sem venturas,
 Apenas com os sonhos que imagino.

Lembra te destas dores tão escuras,
 De que tú és o meu Pastor divino
 E de que eu sou a ovelha que procuras.

No Cimo do Gólgota

Cruz Filho

Belo, sangrento e nú, pendida a fronte
 Sobre o cavado peito, à cruz suspenso,
 Agoniza Jesús, no alta do monte,
 Surdo ao bramir do povilêu infenso.

Num relance, perscruta o ampo horizonte,
 Sem ver surgir, dentre o nevoeiro denso,
 A mão do Páí, qué o céu azul lhe aponte
 E alívio traga ao seu suplício imenso.

Fugiram lhe os apóstolos. Em frente,
 Próximo à cruz, torcendo as mãos, somente
 Consegue o triste a Madalena ver!

Oh! milag-e do amor, no transe horrendo:
 —Ele morrendo, porque a vê sofrendo!
 E ela sofrendo, porque o vê morrer!

A Morte de Jesús

Pe. Antonio Tomaz

Da cruz pendente expira; e, sem demora,
 De susto e horror desmaia o sol na altura;
 Cobre-se o céu de um manto de negrura,
 E o mundo inteiro treme e se apavora.

Trajando luto, a natureza chora;
 Fende-se a terra, estala a rocha dura,
 E, abandonando a paz da sepultura,
 Vaguciam mortos pela campa afora...

Alem ronca o trovão, sinistramente.
 Fuzila o raio, e em doida tempestade
 Brame e se agita o velho mar gemente.

—Tinhas, de-certo, ó Cristo, a divindade.
 Pois na morte de um Deus, de um Deus somente,
 Pode haver tanta pompa e magestade!

MADALENA

Alberto de Moura

Chorando por Jesús, ao pé da sepultura,
 Estava em desalento e em profunda agonia
 A pobre Madalena. E eis que, surpresa, via
 A parecer-lhe uma alva e angelical figura.

Mas, a triste mulher, em pranto, não sabia
 Que era o Divino Mestre—a amada Criatura.
 Quando uma estranha voz, de harmônica doçura,
 Profere, mansamente, um belo tom — “Maria!”.

E a meiga Madalena, em tão feliz momento,
 Encheu-se de conforto e de contentamento
 Ao ver lindo e perfeito o Nazareno, alí.

E, num sublime enlevo e ingente comoção,
 Prosterna-se, sorrindo e desvairada, ao chão,
 Beijando os alvos pés do cândido Rabí!...

(Do livro “Messianêida”, em preparo)

CASA POPULAR

(Mercearia e Alfaiataria)

— DE —

Pedro Leite de Araujo

Vende gêneros alimentícios e
bebidas em geralMantem uma secção de confecção de
roupas, a cargo do habil alfaiate An-
tonio Leite, a tesoura mágica da cidade.

BAIXIO—CEARÁ

“Casa Ferreira”

— DE —

A. FERREIRA & CIA.

Tecidos, calçados, chapéus,
ferragens, louças e miudezas

— em geral —

Baixio — Ceará

Farmácia Ceará

— DE —

Lulz Soares de Freitas

Estoque permanente de produtos quí-
micos e farmacêuticos nacionais e
estrangeiros.Aviam-se receitas com escrupulo e
brevidade.

Atende a qualquer hora

Baixio — Ceará

ANTOLOGIA

Deus visto e Deus ouvido

Vái um pregador pregando a Paixão, chega ao pretório de Pilatos, conta como a Cristo o fizeram rei de zombaria, diz que tomaram uma púrpura e lh'a puzeram aos ombros, ouve aquilo o auditório muito atento. Diz que teceram uma corôa de espinhos e que lh'a pregaram na cabeça, ouvem todos com a mesma atenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe meteram nelas uma cana por cetro, continúa o mesmo silêncio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se neste passo uma cortina, aparece a imagem do *Ecce Homo*, eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas; que é isto? Que apareceu de novo nesta igreja? Tudo o que descobriu aquela cortina, tinha já dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela corôa e daqueles espinhos, já tinha dito daquele cetro e daquela cana. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque então era *Ecce Homo* ouvido, e agora é *Ecce Homo* visto, a relação do pregador entrava pelos ouvidos, a representação daquela figura entra pelos olhos. Sabem, padres pregadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Porque convertia o Batista tantos pecadores? Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos...

Pe. Antonio Vieira (Sermões)

SOCIAIS

ANIVERSARIOS:

Dia 8 —

Na cidade de Cedro, onde reside, viu passar o seu aniversário natalicio, a Exma. Sra. D. Eliaci Torres Vieira, digna esposa do nosso amigo Enésio Alves Vieira, conceituado comerciante naquela cidade. A D. Eliaci, que é um dos modelos de virtudes da sociedade codrense, "O Sertão" envia-lhe o seu cartão de efusivos parabeds.

Dia 11 —

Nesta data transcorre o gene-

tliaco da garota lêda Meira Moreira, dileta filha do nosso companheiro de redação, Sr. Vicente G. Moreira e de sua Exma. consorte D. Carmen Meira Moreira, elementos de destaque em nosso meio social

Enviamos à lêda e aos seus dignos genitores, muitas felicitações.

Padaria São Francisco

— DE —

Francisco Ramalho Sobrinho

Especialista na fabricação de pães, bolachas, biscoitos, com as mais afamadas farinhas americanas

Baixio — Ceará

Alelúia

Prof. Anselmo Chaves

Sábado de Alelúia!...

Une-se a Natureza, em festa, aos corações humanos plenos de Amor e de Fé...

Os sinos, em sinfonia festiva, badalam enquanto a alma cristã regorgita em hosanas espontâneos de corações exultantes...

Cristo ressuscitou... Glória a Deus nas alturas...

Mistério incompreensível, portentoso, que se perpetua, séculos em fóra, na tragédia do Gólgota, ha quase dois mil anos decorrios...

A Humanidade persiste, como outrora, nos êrros e nos vícios; entre a Dúvida e a Certeza; entre o Bem e o Mal.. E, de novo, torturaria o Cristo, se o pudesse indentificar entre os mortais...

O milagre da Verdade evangélica, na sucessão dos acontecimentos positivos, perdura, na magestade simbólica da Cruz, no marco indelevel e indestrutível, ao pé do qual se prostam, humildes ou tímidos, os que sofrem e os que blasfemam...

E a Cruz! de braços abertos, num convite de esperanças.. Que paradoxo admiravel! Prova incontestavel das incertezas humanas...

E o axioma fulminante de Cristo ecôa, ha séculos, como um repto aos cobardes, provocando-lhes remorsos: "Passará o Céu e a Terra mas as minhas palavras não hão de passar".

Rio, Abril de 1949.

Os "Corações" dos Troveiros

(De uma coleção de ALBERTO DE MOURA)

Nossos Corações, coitados!
São como uma cova escura,
Onde vão ter sepultura
Os desejos malogrados.

Antonio Sales

Meu Coração é sujeito
Alvorçado na vida:
Vive a bater no meu peito,
Como quem está de partida...

Abílio Martins

Definha, emurchece e morre
O meu pobre Coração,
Como a flor durante a calma
Do bem calmoso verão.

Gonçalves Dias

Meu Coração -- triste monge
Solitário a padecer,
Ao pressentir-te, inda longe,
Começa forte a bater!

Felinto de Moraes

Pebre de mim! Por desgraça
Meu Coração é um coador:
Nele o riso escorre e passa,
E fica tudo o que é dor.

Belmiro Braga

Coração desnudo e agreste,
O teu mal de ti provem:
—Tantos amores tiveste,
Que já não amas ninguém.

Júlio Maciel

Meu Coração é uma fera,
E' um leão esfomeado,
Que, a rugir, vái devorando
O cadaver do passado.

Catulo Cearense.

Parado, o relógio, raras
Vezeas não retorna a andar.
—Coração, porque, se paras,
Não voltas mais a pulsar?...

Alves de Oliveira

Ó Coração, quando choras,
Bate com arquejos lentos,
Marca o tempo, não por horas,
Mas sim por meus sofrimentos.

José Albano

Coração—magnificência;
Cérebro — luz, esplendor.
Um — sacrário da ciência,
Outro — custódia do amor.

João Norberto

Coração — matriz da vida,
Ponteiro da minha sorte,
Suspende a tua corrida,
Que a vida marcha pra morte!

Alcyr Jucá

No meio de tal barulho
E de tanta confusão,
Só ouço, líricamente,
O meu próprio Coração...

Luiz Otávio

Meu Coração que, sombrio,
Vive a sofrer, em segredo,
E' como um ninho vazio
Na solidão do arvoredo!

Aduar Gondim

Sem que noutra os olhos ponha,
Sofro o teu fero rigor...
Coração meu! tem vergonha:
—Váí procurar outro amor!

Tertuliano Menezes

Meu Coração é uma flor
De sangue, músculo e fibra,
Onde, às vezes, a alma vibra
No fogo fátuo do amor.

Antonio Valdivino

Quando o teu pé meigo e doce
Pisa, de leve, no chão,
Quizera que a terra fosse
O meu pobre Coração.

Otacílio de Azevedo

Sino, Coração da aldeia;
Coração, sino da gente:
—Um a sentir, quando bate;
—Outro a bater, quando sente.

A. Correia de Oliveira

Meu Coração se ataranta,
Arde maluco de zelo,
Se a brisa, acaso, levanta
Um fio de teu cabelo.

Virgílio Brandão

Meu Coração, triste e mudo,
Vive sempre a padecer:
Tem pedido esquecer tudo...
Só não te póde esquecer!

Alberto de Moura

Meu Coração (cujo entranha
Esconde tudo o que é dor),
Bate-se, em luta tamanha,
Para ocultar este amor!..

Vicente G. Moreira

Estudos de Português

(Continuação da 2.ª pagina)

inocência do Nazareno, pidiu-
Lhe que dele se lembrasse
quando *entrasse* no Céu,—nes-
se mesmo instante passou a
estar com Cristo e conse-
quentemente no Paraíso. Por
sua natureza divina Cristo já
estava no Paraíso. O ladrão,
pois, é que faltava *estar*. Por
isso, Cristo não disse: *estarei*
contigo, mas: "*estarás comi-*
go". Se daquele *dia* em dian-
te o salteador passaria a *es-*
tar com Cristo (por consen-
timento d'Este), não havia ou-
tro meio mais proprio para
exprimir essa permissão, se-
não dizendo o Salvador: "...ho-
je *estarás comigo* no Paraíso.

Sobre o que dizem deste
versículo de S. Lucas em co-
teje com o de S. João. (onde
Cristo disse a Madalena: "Não
me toques, porque ainda não
subi para meu Páí), entende-
mos também que não assiste
razão aos que pensam haver
contradição no confronto que
fazem dos mesmos. Primeiro,
porque não existe nenhuma
ligação de sentido entre um
e outro a-fim-de que se pos-
sam comparar. Segundo, por-
que Jesus Cristo, para dar
a Felicidade Suma (a Bem-a-
venturança) a quem d'Ele se
aproximasse ou n'Ele crêsse,
não tinha necessidade de pe-
dir nada ao Páí. Ele que mui-
to antes de subir para o Céu,
já dizia: "O que *crê* em *mim*
tem a *vida eterna*"; "Nin-
guem *váí* ao páí senão por
mim".

Ora, se até para chegar-
mos a Deus é preciso ir por
Cristo!...

Baixio, 15-4-949.

"Casa Potiguar"

—DE—

ALFEU VARELA

Mercearia de primeira ordem
Completo sortimento de gêneros ali-
mentícios, bebidas, louças, ferragens,
perfumes e miudezas em geral.

Mantem um bem organizado salão de
diversões, com secção de bebidas, con-
serva e tabacaria, inclusive depó-
sito de Aguardente do Acarape.

Compra e vende gêneros do País

Baixio — Ceará

